

SENTIDO DA EDUCOMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

(*Ir. Ana Teresa Pinto – BRJ*)

Até a metade do século passado, comunicação e Educação caminhavam separadamente, seguindo cada uma seu campo específico. A partir de então, alguns fatores históricos e sociais tiveram um desenvolvimento acelerado, dando origem às profundas mudanças na relação entre os dois campos, criando neles áreas de interseção e de interpenetração cada vez mais nítidas. A aproximação entre comunicação e Educação implica, portanto, quatro áreas bem definidas: **Educação para a comunicação**, constituída pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios e mensagens; **área tecnológica educacional**, caracterizada pela utilização de instrumentos tecnológicos nos processos educativos; **gestão de processos comunicacionais**, voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação e a **área epistemológica**, que se dedica à pesquisa e aos aprofundamentos no próprio campo da interrelação comunicação/Educação.

O entorno social, como se vê é cada vez mais comunicacional. As tecnologias de comunicação e de informação estão presentes nos mais diferentes ambientes, não apenas servindo de instrumentos ou canais, mas também prescrevendo comportamentos, atitudes, saberes e linguagens. Em outras palavras, eles estão produzindo cultura. Martín Barbero (1996) afirma que os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola, em primeiro lugar, um desafio cultural que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos educadores e aquela outra aprendida pelos educandos. Assim, diante do exposto, entende-se que é apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática, como dimensão estratégica da cultura, que a escola pode inserir-se nos processos de mudança que atravessam a sociedade.

As novas tecnologias dão passo, então, a uma nova cultura, a cultura midiática. As novas tecnologias, ao se disseminarem pela sociedade, levam a novas experiências e a novas formas de relação com o outro, com o conhecimento e com o processo de ensino-aprendizagem. Atualmente, as novas tecnologias, especialmente as que estão ligadas às chamadas "mídias interativas", estão promovendo mudanças na Educação, num processo que parece estar apenas começando. Para alguns educadores, elas são absolutamente desconhecidas. Uma parcela teve algum contato ou usa com alguma

frequência estas tecnologias. Num primeiro momento, novas tecnologias são uma novidade que requer adaptação em termos operacionais. É preciso aprender a mexer com equipamentos, a trabalhar com programas e assimilar conceitos e vocabulário próprios de uma nova área. Mas, além disso, estas tecnologias levam a novas experiências em um sentido mais profundo. No mundo da comunicação mediada por computador vive-se em outro espaço e tempo, diverso do tempo e do espaço vividos no mundo da comunicação de oralidade primária e da cultura escrita.

A mediação tecnológica na Educação compreende os procedimentos e as reflexões em torno da presença e os múltiplos usos das novas tecnologias da informação, propõe à comunidade educativa a utilização dos recursos tecnológicos a partir de uma perspectiva cidadã, o que implica a democratização do uso das tecnologias em torno de projetos solidários como exercício de uma autêntica prática comunicacional.

O investigador e educador Alfonso Gutiérrez, em sua obra *Educación multimedia y nuevas tecnologías* (1995), aponta para uma Educação multimídia que, fazendo uso das tecnologias predominantes em nossa sociedade atual, permita ao educando conseguir alcançar os conhecimentos, destrezas e atitudes necessários para: comunicar-se (interpretar e produzir mensagens) utilizando distintas linguagens e meios; desenvolver sua autonomia pessoal e o espírito crítico, que o capacita para formar uma sociedade justa e multicultural, convivendo com as inovações tecnológicas próprias de cada época.

Gutiérrez (1995) considera necessário que a Educação multimídia se dirija não só aos educandos como também aos educadores em formação e no serviço ativo. A UNESCO publicou em 1992 *The state of the art and beyond*, uma reflexão sobre a evolução da Informática no contexto educativo. No segundo capítulo do documento, Bernard Levrat assinala alguns temas fundamentais de reflexão sobre as tecnologias nas escolas: a inovação tecnológica é uma realidade que preocupa a todos: empresas, indústrias e universidades, e, portanto, não é um problema exclusivo do sistema educativo; os computadores devem chegar aos educadores e educandos juntamente com o treinamento e estruturas adequados; as estratégias de utilização de novas tecnologias devem ter, como ponto de partida, a realidade de quem as utiliza. Tal documento reconhece que a presença das novas tecnologias na Educação pode causar novos problemas na relação educador-educando, e, por isso, o autor se pergunta: por que

utilizar, então, estas novas tecnologias? E ele mesmo responde: primeiro, porque o imenso desenvolvimento desta área e de suas aplicações na sociedade faz com que a Educação não possa ignorá-la por mais tempo. Em segundo lugar, a informática traz consigo uma infinidade de possibilidades, inclusive com a solução de problemas que a Educação enfrenta.

Os jovens povoam o universo das comunicações, no qual se dão trocas culturais radicais. Porém, essa afirmação desencadeia a questão: quais os desafios que afrontam o sistema educativo? Em resposta, pode-se citar: educar para uma sociedade de produção que seja justa, equitativa e democrática; formar para uma cidadania local, nacional e mundial; educar para uma convivência solidária e ética; formar para a cooperação e a tolerância; tornar viável a aquisição de habilidades de compreensão, análises, reflexão, crítica e criatividade; oferecer instrumentos para reforçar a identidade cultural, aberta ao pluralismo e trocas culturais; levar em consideração a cultura digital e virtual da comunicação; instaurar novas relações pedagógicas comunicacionais; educar para cosmovisões diferenciadas e visões múltiplas; capacitar para a identificação do pensamento único que se instaura com a hegemonia das empresas de telecomunicações; formar para a capacidade de negociação de sentido das diferentes instâncias de informação; trabalhar as representações e conceitos, tais como ciberespaço, telepresença, liberdade de expressão eletrônica, mediações tecnológicas, simulacros, hipertextos, em relação ao mundo da informação que se consolida cada vez mais; partir de uma matriz pedagógica que propicie estratégias, metodologias, procedimentos em vista do desenvolvimento de competências comunicativas; propor metodologias para analisar os discursos do ciberespaço, da faculdade de estar presente virtualmente, e da atemporalidade; desenvolver teorias e paradigmas inerentes ao contexto informacional e comunicacional; criar metodologias para a alfabetização multimedial (tecnologia informacional); adquirir competências para uma interlocução real, dentro de um processo de múltiplos fluxos comunicativos; educar para a apropriação da estética, do sentido harmônico do universo, das expressões da arte e da cultura.

A presença massiva dos meios eletrônicos e de comunicação em nossas vidas vem alertando os educadores para sua importância na transmissão/construção de conhecimentos, valores, conceitos e culturas. Constantemente, a sociedade é bombardeada por informações que chegam sob diferentes apelos sensoriais: visuais, auditivos e emocionais.

O que falta efetivamente, no momento atual, segundo Soares (1995),

[...] é dar – à penetração das tecnologias da comunicação na escola – o sentido político exigido pelas experiências históricas da humanidade no século XXI. Assim, o que falta à maioria das escolas é uma reflexão contextualizada sobre a realidade conformada pela presença da comunicação na sociedade contemporânea. Uma reflexão que supere o ingênuo deslumbramento ante as novas e sempre mutantes tecnologias. A Educação exige questionamento permanente sobre sua identidade, a fim de que encontre sua razão de ser em sua missão de formar cidadãos solidários, capazes de conviver e de conferir encanto à vida. (SOARES, 1995, p.18).

Educar na era da informação, portanto, segundo Gutiérrez (1995), é colocar o sistema educativo em contato com a cultura pós-moderna. Ele propõe que se eduque para a incerteza, para o desfrute da vida, para a significação, para a convivência, para a apropriação da história e da cultura.

A formação dos docentes, no campo da comunicação, se constitui, então, uma urgência. Ainda segundo Soares (1995), a figura do educador emerge, sendo este um agente cultural especialista em Educação e comunicação, capaz de criar, de dar vida e sentido à tecnologia.

O homem, como ser de relações com o outro, as situações, as informações, os objetos, vive processos de reciprocidade, de comunicação. No entender de Freire (2006, p.65), a comunicação gira em torno de um significado. Dessa forma, não há sujeitos passivos. Assim, os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam.

Para Moran (1993), a comunicação expressa trocas sociais, tanto em nível simbólico, como nas relações interpessoais, grupais e institucionais, sendo os meios um dos componentes dessa expressão (mediadores sociais).

As considerações aqui elencadas colocam em pauta o enfrentamento com a realidade cultural das mídias para, além de utilizar e ultrapassar as experiências dos aprendizes, despertar outras necessidades, desvendar estereótipos, modelos, determinações encobertas e pressões (subliminares ou não) das ideologias dominantes que suportam a cultura escolar.

O conhecimento das linguagens das mídias, portanto, como já dito, habilita o educando, em certa medida, a viver como sujeito e participar num mundo de relações. Linguagens que ultrapassam a relação deles com os meios de comunicação possibilitam comunicações entre educadores e educandos, entre educandos e educandos e de ambos

com os saberes veiculados pelas diferentes mídias, desde as tradicionalmente aceitas pela escola (livros, periódicos), até as mais atuais e muitas vezes não exploradas no âmbito escolar.

Os desdobramentos comunicacionais que as linguagens das mídias propiciam são sugestivos de que a relação da escola com os meios de comunicação precisa ir além da formação do receptor crítico que configura uma Educação para a mídia, cuja preocupação maior se completa numa relação lúcida de usuário com o meio de comunicação. Sabe-se que os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos auxiliares, mas na cultura dos educandos que deles se servem.